

A CAIXA DO FUTURO

Sérgio Fernandes (Angola)

Hoje abri a minha caixa do futuro. Sim, eu tenho uma caixa que me permite ver o futuro. Não o do mundo. Ah! Quem me dera poder ver o futuro do mundo e talvez estaria preparada para o que havia de vir. Teria visto o meu futuro, dos meus filhos, de todos que amo, da humanidade. Teria alertado a todos, aos meus amigos, aos meus vizinhos, às autoridades. Teriam eles acreditado em mim? Acreditariam se lhes dissesse que ficar trancado em casa seria a solução? Ou teriam visto em mim mais uma velha louca. Talvez uma falsa profetisa.

Não. Não tenho esse poder de ver o nosso futuro. A minha caixa me permite ver apenas o meu futuro. E nem sequer é verdadeiramente o meu futuro, é uma lista de desejos, de coisas que quero fazer. É, na verdade, um plano de trabalho, como se a minha vida fosse uma empresa, ou uma simples agenda, como diria o meu filho, naquela sua tendência de reduzir tudo ao mínimo.

Abri a caixa com solenidade. Acho que nada é mais solene do que o futuro. Pelo seu mistério, pelo mar de possibilidades e de infinidades, pelos sonhos, sei lá. O que está por vir é sempre mais venerável do que o que já passou. Abri a caixa, os meus papéis, com todos os meus planos para este ano, todo este tempo comprimidos dentro desta caixa, quiseram saltar para fora. Tirei-os a todos de uma única vez, pousei-os sobre a mesa. Olhei para eles como se os visse pela primeira vez. “Essa sou eu, no futuro”, pensei.

Escrever os meus planos para o novo ano é uma tarefa que um médico me recomendou quando o meu marido morreu e dias depois eu caí em depressão sem dar por isso. Sempre que me lembro de algo que desejo fazer, sento-me, pego numa folha de papel e escrevo o plano. Faço-o mais perfeito possível. Aponto tudo ao mínimo detalhe. Não porque eu seja detalhista, mas porque quando planeio sinto como se uma boa parte do plano já estivesse a materializar-se. Escrevo tudo, fico horas a escrever. Às vezes preciso de vários rascunhos, e só quando finalmente sinto que o plano atingiu a perfeição ele se torna em mais um momento do meu futuro e vai então para a caixa do futuro.

Sinto uma alegria imensa em tomar conta de mim cada vez que um plano entra na caixa do futuro. É como se eu embarcasse numa viagem instantânea para o futuro. Minha mente viaja, vejo-me naquele futuro, fazendo aquilo que quero e sendo feliz hoje, tal como o serei realmente naquele futuro.

Todos os anos realizo uma cerimônia especial para abrir a caixa. Na verdade, nem sou eu quem a realiza, apenas faço coincidir com o momento mais importante do meu ano: a noite de réveillon. Neste dia, os meus filhos, que quase não vejo durante o ano, as minhas noras e os meus netos vêm para cá. Cozinhamos, bebemos, as crianças perdem-se entre os bolos e as guloseimas. Então, pouco depois da meia-noite, depois dos candandos, abro a caixa e leio perante a minha plateia os meus planos para o novo ano. O meu filho mais velho nunca tem muita paciência para este meu momento, diz que são as minhas minudências. Várias vezes pensei em não mais ler os meus planos diante deles, mas percebi que se o faço é porque no fundo procuro a sua aprovação.

No final do ano passado dei razão ao meu filho. Meus planos não passavam de minudências. Coisas menores, sem significância e que iam reduzindo ainda mais em magnitude a cada ano. O que planeio eu para mim? Organizar um jantar no aniversário de um neto, participar das atividades da igreja, assistir ao casamento de uma sobrinha, organizar a casa para a ceia de réveillon. “Coisas tão sem importância”, pensei. “Vou fazer tudo diferente”, gritei, revoltada com a minha vida, com os meus planos. Porquê espero um ano inteiro para ter um pouco de vida? Para ter companhia? Para ser novamente uma pessoa? E porquê passa tudo tão depressa? Sentei-me na cadeira. Tomei várias folhas de papel, disposta a escrever um novo futuro para mim. “Desta vez não precisarei da aprovação de ninguém. Será o que eu quiser, como eu quiser, quando eu quiser.”

Escrevi os novos planos: Aprender a tocar guitarra, trocar o meu guarda-roupas, conhecer a Namíbia, conhecer um homem, namorar. Escrevi sem parar, todos os detalhes, incluindo as noites de amor com o meu novo companheiro. Meu corpo tremeu de saudades enquanto escrevia os detalhes. Ainda saberei beijar? Amar? Vou tentar. Imaginei a cara do meu filho vendo-me cumprir os meus planos. “Com que então, minudências?” Pergunto-lhe irónica, enquanto no rosto dele vejo estampado um ar de surpresa e pânico. “Esse é o meu ano. Esse é o meu futuro”. Guardei tudo na caixa do futuro, à espera do novo ano.

Hoje, sentada de frente para o meu futuro, olhei para os meus planos espalhados sobre a mesa e uma lágrima caiu-me do olho. Uma solidão confusa ronda esta casa. Sopra-me ao ouvido palavras que não consigo perceber. Na televisão, a voz soturna de um locutor anuncia: “Somos de informar que temos mais dezoito casos e quatro mortes.” Essa é a nova realidade que substituiu o meu futuro. A vida regida por casos confirmados, casos suspeitos, óbitos e casos recuperados. Uma vida em código, como um código binário em que tudo se rege por zeros e uns. E nada mais. Tudo perdeu o interesse, a importância, tudo agora são minudências.

Lá fora, rondam os militares impondo o estado de emergência para conter o avanço da pandemia. No telefone, de quando em vez, a voz dos meus filhos reforçando: “A mãe não pode sair de casa, a mãe faz parte do grupo de risco.” “Para onde irei eu? Está tudo fechado, parado, morto, até o meu futuro fechado numa caixa.” Penso, mas não digo. Complacente como sempre, respondo: “Está bem. Não vou sair de casa”. Aqui dentro, o vazio, a solidão que sussurra.

Levanto-me com todos os meus planos para o futuro na mão. Pouso-os numa travessa de alumínio. Acendo um palito de fósforo e atiro sobre a pilha de papéis. Uma chama leve começa a crepitar e vai ganhando força, vontade, vida. Quieta, vejo queimar o meu futuro.